

Trabalho de Conclusão da Pós-Graduação Lato Sensu

CAMINHADA COMO MÉTODO PARA ARTE E EDUCAÇÃO

Turma I – 2017/2018

EDINALDO ANDRE DOS SANTOS

ERRÂNCIA

Relato de experiência

Idealização, Concepção e Coordenação da Pós-Graduação: Prof. Dr^a Honoris Causa
Edith Derdyk

Direção Geral D'A Casa Tombada: Profa. Dr^a. Ângela Castelo Branco Teixeira e Prof.
Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

*“Não há almoço ou jantar ou satisfação do mundo
que valha uma caminhada sem fim pelas ruas pobres,
onde é preciso ser desgraçado e forte, irmão dos cães.”*
(PASOLINI, 2007)

ER·RÂN·CI·A

(latim *errantia*, -ae, afastamento, desvio)

substantivo feminino

Qualidade ou característica do que é errante. Atributo, estado, particularidade ou circunstância de caminhante. Pessoa que anda por ai, vez ou outra sem destino, ocioso. O próprio do errante é justamente tornar-se atento à ambivalência de todas as coisas. Para usar uma citação que Dante aplica a Ulisses, o *vagabundo por excelência, o caminho é aquilo mesmo que incita “a divenir del mondo esperto, e delli vizi umani e del valore”* (a bem conhecer o mundo, os vícios e as virtudes dos homens. Inferno, XXXVI, 97).

O ato de atravessar o território nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar abrigo, alimento, trabalho e informações necessárias para a própria sobrevivência. Pensando no caminhante como vítima da má sorte econômica ou simpático a um modo de vida de aventura, foi sem surpresa a visão picaresca do errante, caminhante, andarilho que sou eu, acabei contrariando as estatísticas ao ousar atravessar territórios nunca permitidos a mim. Como se deu isso? Caminhando!



“Foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o cercava. Foi caminhando que, no último século, se formaram algumas categorias com as quais interpretar a paisagem que nos circunda.”

(CARERI, 2013)

Encontrei através de minha caminhada pessoal, a formação profissional que já andava comigo. Toda caminhada começa com o primeiro passo, e no meu caso esse passo buscava mais perguntas sem respostas para seguir com minha atuação profissional de educador, caminhante e artista visual nas horas vagas. E como todo percursos tem suas surpresas, aqui não foi diferente.

Por conta do caminhar cheguei até aqui, nesse humilde relato poético, composto por fragmentos dessa experiência de caminhos percorridos por mim durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2018 nos estados do Goiás, Rio de Janeiro e Pernambuco. Essas caminhadas resultaram num “livro de artista” que tem na fotografia sua forma de narrativa visual e neste texto algumas reflexões que amplificam as imagens.

Acredito que minha experiência foi diversa e intensa; ora errante, ora caminhante; ora errático, ora certo; ora encontro, ora desencontro. Encontrei no registro o meu caminho, ou no caminho registrei os encontros. Conheci Coverley (2014) na Pós-Graduação: **Caminhada como Método para Arte e Educação** e através de suas reflexões, me identifiquei como errante, aquele que anda por ai, as vezes sem destino certo, e também que caminha como forma de intervir na cidade ou no campo, me deparei com “a errância como arquitetura da paisagem”, trazida por Careri (2013) e “o caminhar como uma forma de arte, uma prática estética”, sendo que tudo isso se baseia em uma ação muito específica, empírica, diferente do caminhar comum do cotidiano com seus caminhos habituais. Caminhante sempre fui, no entanto a consciência de que os passos são mais que meros deslocamentos como forma de coesão social, e que a errância é um grande acerto foi se mostrando ao longo dessa experiência.

Talvez minha escrita possa soar divergente, até ao ponto de causar embriaguez. Embriaguez essa que pode dar um certo aspecto de incerteza se for comparado aos textos nos moldes tradicionais, pois de onde venho é na rima e rinha que as palavras se alinham. Confesso aqui que não tenho certeza de nada do que possa ter escrito, mas tenho de tudo que foi vivido. A única certeza que tenho é que caminhei, registrei e em alguns momentos apenas observei.

Em meio às andanças houveram também tempos de leituras. Livros que se tornam companheiros de caminhada e que por aqui venho trazendo-os aos poucos e

tecendo meu próprio texto. Além dos livros, muitos fragmentos encontrados pelos caminhos ilustram e amarram as imagens que produzi.

*“Vejo-me um caminhante a arder em ansiedade,
bifurcações e cruzamentos regulando o compasso da
caminhada, enormes ouvidos e o desejo de ouvir e falar.
Tergiverso, busco urdir trama indigesta, olho ao entorno,
quanta gente na rua, prisão, escola, escritório, e a gana
da gente atrás de grana, de partir pra luta ou partir
mesmo, pra longe, eis minha matéria, de par com a
curtição das línguas, linguagens.”*

(FARIAS, 2009)



Ao longo dos 18 meses da Pós-Graduação pude tecer um mapa de aprendizados e trocas produtivas, com alguns temas se destacando e aparecendo diretamente em minha produção através do livro de artista. Começando pela **Caminhada e Seus Percursos Históricos**, que além de me trazer uma percepção histórica de que o

caminhar não é apenas um ato mecânico, mas sim algo fundamental para a construção da subjetividade, me inseriu num contexto artístico-poético do caminhar e me apresentou o termo *flâneur* que trouxe uma conceituação da minha própria caminhada existencial. Na **Caminhada como Paisagem Urbana**, a questão do corpo, que ao atravessar a paisagem registra o entorno urbano e o transforma em uma narrativa singular; na **Caminhada e Construção de Narrativas: a prática do Livro de Artista** um novo campo de possibilidades se abriu e pude entender melhor várias publicações que venho conhecendo em minhas andanças. A partir daí pude exercitar através da fotografia a poética da minha experiência.

Meu olhar se tornou um instrumento ainda mais crítico, refutando qualquer modo óbvio de olhar a paisagem. Atentamente educo meu olhar no decorrer do caminho, observo, registro a rua, a esquina, as pessoas, o pixo no muro e suas provocações, poéticas e posicionamentos. Pois as vejo! O ritmo do caminhar permite que meu olhar se prenda e se perca por mais tempo do que teria sobre qualquer tipo de rodas.

Meu olhar se desloca no caminho da cidade, da estrada ou na laje da favela, revelando as pERNADAS de quem gosta de experimentar novos caminhos, acompanhado do ócio, carregado de errância, cuja força poética transita entre o lá e cá, me permitindo fazer ligações nem tão óbvias, nem tão próximas. Descubro caminhos desconhecidos, mas que em alguns momentos soam familiar como moleques e seu futebol num descampado bairro do Recife, que remetem a minha infância na Baixada Santista.

Os mapas, enquanto representação visual, são objetos que me chamam atenção; creio que essa constante curiosidade já trazia latente meu interesse pelo repertório de caminhador. Apesar de conceituado como um tipo específico de desenho que delimita um lugar/espaco e facilita a orientação, hoje entendo que os mapas impressos no fundo despertam meu olhar de alguma maneira que os assimilo como convites. Não casualmente os mapas abrem e apresentam os estados por onde meu registro aconteceu. Eles não são exatamente os caminhos que percorri, mas possibilidades do andar e sugestões para aqueles que também apreciam o caminhar.

E quando em um novo caminho, onde tempo é o que pouco importa, sugiro a precisão de escapar do tempo. Seguir meu caminho sem relógio, calendário ou aplicativo *waze*, que só traz opções de caminhos adestrados e suas placas com nomes de herdeiros que não são meus iguais. Não limito minha caminhada. A busca

pela incerteza, a encruzilhada, onde perder-se é necessário, pensando que entre eu e o território não existe uma relação de domínio, de controle da minha parte, mas também a possibilidade do território me dominar.

Bifurcações, corpos, caminhos me sugerem possibilidades de um corpo único, cujos passos ancestrais embriagam ao meu corpo errante, ou como dizia Maffesoli (2001) uma errância como sede do infinito, resposta ao tédio existencial, fuga da organização “racional” mecânica da vida social, encontrando na caminhada um verdadeiro ato de coragem de seguir. Caminhada como forma de resistência, que traz em si significados simbólicos do ato criativo primário, caminhada com passos atentos às travessias.

Decididamente preciso caminhar para me revigorar e manter contato com o mundo vivo, sem o qual não poderia escrever metade de uma palavra ou produzir o mais minúsculo poema em verso ou prosa. Sem caminhar eu não poderia fazer nenhuma observação ou escrita. Numa caminhada milhões de pensamentos vem junto aos passos; caminhar pra mim é significativo para meu raciocínio. Caminhar me consola, me deleita, me dá prazer, me apresenta fenômenos que valem a pena sentir, me mostra poéticas vivas, além de baixar meu colesterol.



“ A propensão a contar para outro como foi uma experiência de deslocamento, parece ser uma das mais fortes propulsoras de produção artística, o artista só terá autonomia para descrever caminhadas com trabalhos realmente pessoais quando não mais houver a necessidade primeira de seu ofício de ilustrados (...) mas quanto à relação do artista com a prospecção do mundo físico, gerando ao final uma publicação artisticamente procedente, mesmo que cientificamente inútil, não há dúvidas quanto a generosidade do tempo presente.”

(SILVEIRA, 2018)

Portanto, a partir da experiência de andanças por caminhos plurais, penso eu agradavelmente, eu caminhei, para onde caminhei, não sei se consegui deixar implícito nas linhas que desenham meu relato, o universo parece indicar que foi explícito, o passado, e o presente indicam que tenho que continuar caminhando no “futuro”. Agora é hora de encerrar as palavras e deixar o caminho livre para o olhar se deslocar pelas imagens do livro. Que eu ainda tenho uma jornada perpétua a perambular por aí (deixo aqui o convite: venham todos e todas comigo!) meus sinais são um casaco impermeável, bons sapatos, e uma máquina fotográfica, entre outros itens necessários, se o universo nos permitir.

BIBLIOGRAFIA

CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética.** São Paulo: Editora G. Gill, 2013.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar: o escritor como caminhante.** São Paulo. Editora: Martins Fontes. 2014

FARIAS, Pedro Américo. **A. Viagem de Joseph Língua.** São Paulo. Ateliê Editorial: 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

PASOLINI, Pier Paolo. **Trasumanar e organizar.** 2ª ed. Garzanti, 2007.

SILVEIRA, Paulo. **As Odisséias Possíveis.** Revista Porto Arte: Porto Alegre: vol.15 nº25. 2008

ANEXO

As fotos a seguir ilustram parte de processos desenvolvidos na Pós-Graduação, durante aulas na Casa Tombada, Fazenda Serrinha e nas caminhadas que fiz em outros espaços.















